

O leitor tem em mãos um livro singular. Que ninguém se deixe enganar pela lombada estreita. O volume é enxuto, mas denso e rico. Lauro de Oliveira conviveu com o amigo Osman Lins (1924-1978) desde o início da carreira do escritor, que a ele dedicou a narrativa "Perdidos e achados", de Nove, novena. Portanto, estamos diante de uma voz qualificada. Oliveira tece neste Osman Lins: vocação ética, criação estética um amplo mosaico da obra de um dos maiores escritores do século 20, comparado pelo tradutor norte-americano Gregory Rabassa a Machado de Assis e Julio Cortázar.

A obra de Osman Lins, que morreu há mais de três décadas, é cada vez mais estudada e admirada. Autor vigoroso, original, combativo, seu exemplo tem feito enorme falta às novas gerações de escritores brasileiros. Este livro vai agradar e surpreender também seus leitores e estudiosos. À maneira do narrador de A rainha dos cárceres da Grécia, Oliveira analisa e interpreta o mundo osmaniano, não como especialista, como apaixonado pela literatura. É leitor perspicaz, sereno, sem pressa – faz belas revelações e descobertas. Além disso, escreve bem. "A cada leitura ou releitura encontro aspectos novos, riquezas e alubrimentos", conta.

O que move Oliveira, nestes ensaios, é a vontade de dividir e multiplicar uma leitura sempre enriquecedora. Ele chama a atenção para a dignidade a que Osman Lins elevou o ofício de escrever, sua cosmovisão, a literatura entendida "como um meio de conhecer o mistério do universo, a ânsia de unidade e transcendência, sua postura de escritor livre e, ao mesmo tempo, engajado e comprometido com seu tempo e seu povo".

Entre outros aspectos, o ensaísta destaca "a aura de grandeza" das mulheres

na obra do autor de *Avalovara*, símbolo de “força, integridade e inteireza moral”, a exemplo de Celina, de *O visitante*; Joana Carolina, do “Retábulo de Santa Joana Carolina”, de *Nove, novena*, e Julia Marquezim Enone, de *A rainha*. Lembra a identificação de Osman Lins com escritores chamados malditos, como Lima Barreto, e mostra semelhanças e diferenças entre Lins e João Cabral de Melo Neto, ambos pernambucanos.

*Vocação ética, criação estética* é uma arguta reflexão sobre a obra de Osman Lins, desde sua estreia, passando pelos livros de viagem e ensaios, contos, peças, artigos para a imprensa, até os romances *Avalovara* e *A rainha*. Ilumina também o homem — foi funcionário exemplar do Banco do Brasil, mas, em nome da literatura, recusou-se a fazer carreira como bancário. A maior paixão de Lins era o romance, gênero em que se tornou mestre. Cortázar chegou a dizer que se tivesse escrito *Avalovara* não teria motivo para escrever por 20 anos. Três anos depois saiu *A rainha*.

O romancista cumpriu o plano que traçara para si mesmo — “a criação de uma obra literária que, na sua totalidade, transmita uma visão singular e intensa do universo e seja, ao mesmo tempo, a história viva da conquista dessa visão”. Lauro de Oliveira mostra como Osman Lins transformou o ato de escrever em atividade dignificante e dignificada para “se tornar vida, sangue e busca”. Escritor comprometido com a nomeação das coisas e com as coisas nomeadas, como diz o narrador de *A rainha*, Osman Lins não viveu a célebre dúvida kierkegaardiana: ou o estético ou o ético. Daí a justeza do título deste livro.